

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - ESCOLA DE GESTORES

**O PEDAGOGO E A AVALIAÇÃO PSICOEDUCACIONAL NA
ESCOLA**

Aluna: Marta Vacelli Varolo Gambaro

Orientadora: Joseth Martins

Curitiba, fevereiro de 2010.

O PEDAGOGO E A AVALIAÇÃO PSICOEDUCACIONAL NA ESCOLA

Marta Vacelli Varolo Gambaro

Resumo

A avaliação psicoeducacional visa auxiliar o profissional que compõe as equipes educacionais das escolas, possibilitando que estas conheçam e possam trabalhar melhor com os alunos, em especial os que apresentam dificuldades de aprendizagem. O presente estudo teve como objetivo sugerir indicadores que possam contribuir para a organização de uma proposta de trabalho psicoeducacional. O pressuposto teórico que embasa o estudo consiste na compreensão da avaliação psicoeducacional enquanto um processo de avaliação da construção do conhecimento do aluno na escola pública. São abordados a temas que incidem sobre a atuação do pedagogo e a avaliação psicoeducacional na escola, objetivando ampliar a discussão sobre a realização desta modalidade de avaliação que envolve uma intervenção focalizada nos aspectos pedagógicos relativos à aquisição da língua oral e escrita, interpretação, produção, cálculos, sistema de numeração, entre outros. Por fim, reflete ainda sobre a importância do pedagogo estabelecendo diretrizes para a realização do processo de avaliação psicoeducacional objetivando melhor compreender a dinâmica que envolve o ato do conhecimento.

Palavras-chave: Avaliação Psicoeducacional, Sala de aula, aprendizagem.

Abstract

A psychoeducational evaluation is intended to assist the professional teams that make education in schools, enabling them to understand and work better with students, especially those with learning difficulties. This study aimed to suggest measures that can contribute to the organization of a proposed psychoeducational work. The theoretical assumption that underlies the study is to understand the psycho-educational assessment as a process of evaluation of knowledge construction of student in public school. They discussed the issues that concern the work of teachers and psychoeducational assessment in school, aiming to broaden the discussion on the implementation of this mode of assessment that involves an intervention focused on pedagogical aspects related to the acquisition of oral and written language, interpretation, production, calculations, numbering system, among others. Finally, we reflect on the extent of the teacher establishing guidelines for the implementation of psychoeducational assessment process aiming at better understanding the dynamics surrounding the act of knowledge.

Introdução

Este trabalho trata sobre a questão da avaliação psicopedagógica realizada em uma Escola pública pelo pedagogo diante dos problemas de aprendizagem detectados em sala de aula pelos professores.

A crescente valorização atribuída à avaliação da aprendizagem vem gerando, nas últimas décadas, a permanente necessidade de mudanças nas práticas avaliativas por parte de técnicos da área da educação e educadores. Nessa perspectiva, convém dizer que é mais importante procurar compreender os aspectos do desempenho acadêmico do aluno, como forma de proporcionar investigações e intervenções mais eficientes, do que simplesmente registrar seu sucesso ou fracasso escolar (LUCKESI, 2005).

Neste sentido este trabalho tem como objetivo sugerir alguns indicadores que possam contribuir para a organização de uma proposta de trabalho psicoeducacional, dentro de uma escola Municipal, assim como refletir sobre o processo de escolarização destes alunos no Ensino Fundamental.

Ao escrever este artigo, "O pedagogo e a avaliação psicoeducacional na Escola," faz-se necessário um esclarecimento a respeito da conotação dada à avaliação psicoeducacional. O termo, em muitos casos, sugere a determinação de um valor, que "seleciona" que classifica e que compara o desempenho dos alunos, neste artigo ao utilizarmos da respectiva terminologia e a conceituação a ela relacionada, objetivamos disponibilizar mais recursos para a realização do trabalho do pedagogo com o aluno encaminhado com queixas de dificuldades na aprendizagem e problemas de comportamento que necessitam de acompanhamento psicoeducacional, buscando maneiras diferenciadas para atender a dificuldade deste aluno e uma resposta para a queixa do problema escolar, contribuindo para o desenvolvimento do aluno.

A avaliação psicoeducacional tem por finalidade a identificação dos sucessos, das dificuldades e fracassos, apoiando encaminhamentos e tomadas de decisões sobre ações necessárias, de natureza pedagógica, identificadas e ocorridas no contexto da escola, envolvendo neste procedimento todos que atuam direta ou indiretamente no processo de ensino aprendizagem.

Os professores, por estarem em contato direto com os alunos em sala de aula, são os profissionais da educação mais indicados para fazer uma avaliação

diagnóstica. Podem observar – formal e informalmente – as atividades e comportamentos revelados no cotidiano, e ainda sinalizar capacidades gerais e específicas de cada aluno e posteriormente terem argumento para encaminhá-los ao pedagogo da escola.

A sala de aula necessita se consolidar, então, como espaço para a identificação e progresso das diversas habilidades humanas. Deve-se considerar a multiplicidade de situações em que a inteligência se manifesta, de acordo com as necessidades básicas do estudante, para seu aperfeiçoamento como ser humano integral. Nesse contexto, importa assinalar que a pessoa com deficiência também pode ser definida em função de suas competências, contribuindo, de forma relevante, para a evolução do saber.

Deste modo, com a elaboração deste trabalho pretende-se colaborar com o trabalho do pedagogo que atua nas escolas, buscando conhecer melhor o aluno, suas dificuldades, necessidades e potencialidades, buscando também subsídios para o desenvolvimento cognitivo e psicossocial deste aluno.

Aprendizagem na avaliação psicoeducacional

Para falar sobre avaliação psicoeducacional, necessitamos primeiramente compreender o que é aprendizagem e como ela se processa no âmbito escolar. Vários autores definem aprendizagem voltada a um conceito psicoeducacional. Dentre estes autores, Alicia Fernández (2001) relata que todo sujeito tem sua modalidade de aprendizagem e os seus meios para construir o próprio conhecimento, e isso significa uma maneira muito pessoal para se dirigir e construir o saber.

Já Piaget (1976) busca subsídios na linha cognitivista para desenvolver uma caracterização do processo de aprendizagem. Ele afirma que a aprendizagem é um processo necessariamente equilibrante, pois faz com que o sistema cognitivo busque novas formas de interpretar e compreender a realidade enquanto o aluno aprende.

A aprendizagem é fruto da história de cada sujeito e das relações que ele consegue estabelecer com o conhecimento ao longo da vida, afirma Bossa (2000).

Quando se fala em aprendizagem, não podemos relacionar o problema simplesmente com o aluno, pois, a aprendizagem não é um processo individual, não depende só do esforço de quem aprende, mas sim de um processo coletivo.

É o que nos mostra Fernández (2001) acerca da importância da família, que por sua vez, também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e os mesmos determinam algumas modalidades de aprendizagem dos filhos.

Almeida (1993) considera que a aprendizagem ocorre no vínculo com outra pessoa, a que ensina, “aprender, pois, é aprender com alguém”. É no campo das relações que se estabelecem entre professor e o aluno que se criam às condições para o aprendizado, seja quais forem os objetos de conhecimentos trabalhados.

Uma breve exposição do campo referencial de autores que trabalham com a referida temática, é possível considerarmos que os problemas que envolvem a aprendizagem do aluno é provenientes de situações diversas.

Abordando o não aprender de muitos alunos, daqueles que possuem padrões de desenvolvimento aquém do esperado, um ritmo diferenciado dos demais da turma, que possuem um raciocínio lógico matemático lento, dificuldade de leitura e escrita, pouco entrosamento com os colegas, demonstrando as vezes comportamento agressivo, falta de interesse e falta de concentração nas atividades propostas pelo professor, dificuldades em aceitar regras, falta de limites, falta de concentração e em memorização e seqüência de fatos, buscaremos auxílio para a avaliação psicoeducacional deste aluno através de acompanhamento, realização de atividades e de uma análise do aprender e não aprender do aluno.

A avaliação é geralmente entendida como um processo que permite compreender melhor a dinâmica das aprendizagens realizadas. Estas aprendizagens, no entanto encontra seus significados no processo de desenvolvimento de cada pessoa.

Segundo Lima (2002), a avaliação encontrada na escola apóia-se em um conceito específico na relação entre aprendizagem e desenvolvimento, no qual estes processos aparecem desvinculados entre si.

Entretanto, é necessário considerar dois aspectos importantes na relação entre aprendizagem e desenvolvimento. Primeiramente, que toda aprendizagem

realizada deve servir ao desenvolvimento do indivíduo, no momento presente ou no futuro. Em segundo lugar, que a realização de certas aprendizagens pode causar uma reorganização de informações previamente adquiridas. Ou seja, uma nova aprendizagem pode ressignificar a organização anterior de informações em um nível mais complexo, ou seja, o conhecimento do indivíduo.

Costa (2008), diz que todo momento de aprendizagem está relacionado, igualmente, ao passado e ao futuro, e todo conhecimento adquirido se efetua em um fluxo de eventos situado no momento presente da vida do indivíduo. O significado é determinado não somente por este momento presente, mas também pelas situações antecedentes em que os conteúdos, informações, os procedimentos relevantes foram trabalhados com este indivíduo.

Segundo Silva (2002), a aprendizagem escolar ocorre em realizações sucessivas, situadas no tempo de escolarização e de acordo com os períodos de desenvolvimento do aluno. Portanto, se a aprendizagem tem dimensões temporais distintas, o processo de avaliação, que tente a fixar a historicidade da construção do conhecimento humano em um único momento isolado, acaba por ser, no mínimo, parcial, devendo que se fazer presente em todo o processo escolar do aluno.

Ainda segundo o autor supracitado a aprendizagem presente não é um momento isolado cujo significado se acha encerrado em si próprio, se a aprendizagem é um momento necessário do desenvolvimento humano, pode se dizer que a avaliação na escola deve abranger tanto as aprendizagens escolares como o próprio processo de desenvolvimento humano no qual elas são partes constitutivas.

Concepção de erro

Do ponto de vista do desenvolvimento psicológico, segundo Lima (2003), o erro deve ser entendido como uma fase do processo de aprender algo. Indica, assim, muitas vezes uma forma de pensamento que precisa ser superada. Mas é importante que se entenda que uma forma de pensamento presente em dado momento no processo de aprendizagem não é uma característica estabilizada e/ou permanente do pensamento.

Tanto o “sucesso/insucesso” como o acerto/erro”podem ser utilizados como fonte de virtude em geral e como fonte de “virtude”na aprendizagem escolar. No caso da solução bem ou malsucedida de uma busca, seja ela de investigação científica ou de solução pratica de alguma necessidade, o “não-sucesso” é, em primeiro lugar, um indicador que ainda não se chegou a solução necessária, e, em segundo lugar, a indicação de um modo de “como não se resolver essa determinada necessidade. O fato de não se chegar à solução bem-sucedida indica, no caso, o trampolim para um novo salto. (LUCKESI, (2005, p. 56)

Insucesso do aluno, não significa erro, ao contrário, deve ser encarado como o ponto de partida para o avanço na investigação ou na busca da satisfação de uma necessidade. Neste contexto, os erros da aprendizagem escolar, que emergem a partir de um padrão de conduta cognitivo ou prático já estabelecido pela ciência e tecnologia, servem de ponto de partida para o avanço, na medida em que são identificados e compreendidos, e sua compreensão é o passo fundamental para sua superação. Assim, o erro passa a ser usado como fonte de virtude ou de crescimento, necessita de efetiva verificação, para ver se estamos diante dele ou da valorização preconceituosa de um fato; e de esforço, visando compreender o erro quanto à sua constituição (como é esse erro?) e origem (como emergiu esse erro?).

Diante do erro, devemos indagar: “quais são as relações que o educando esta realizando? Quais são as concepções subjacentes ao processo de pensamento? Em que se apóia a idéia, o conceito ou conhecimento, a construção de significado que o educando apresenta?”.

Através da análise do erro, é possível detectar as informações que o educando está utilizando, quais relações estabelece entre elas, que processos de pensamentos estão em evidencia.

A identificação dos erros deve trazer em contrapartida, a identificação dos acertos. Estes são, igualmente, indicadores dos processos de pensamento. Portanto, o erro deve ser ressignificado no seu papel no processo educativo.

Segundo Luckesi (2005), a visão culposa do erro, na prática escolar, tem conduzido ao uso permanente do castigo como forma de correção e direção da aprendizagem, tomando a avaliação como suporte da decisão. Todavia, uma visão sadia do erro possibilita sua utilização de forma construtiva.

Ainda segundo autor supracitado considerar o erro como parte do pensamento em formação traz uma nova dimensão ao processo avaliativo: avaliação implica na identificação da dinâmica do processo de aprendizagem de um

determinado objeto de conhecimento, através da articulação (dialética) entre os elementos adequados da resposta (geralmente referidos como acertos) e os elementos inadequados geralmente referidos como erros. (LUCKESI 2005)

O erro só pode ser considerado como algo insatisfatório, na solução de um problema, se tomarmos como acerto uma forma, um padrão, a ser seguido. Sem um padrão não há erro. O que pode existir (e existe) é uma ação insatisfatória, que não atinja um determinado objetivo que se está buscando. Neste sentido, poderíamos dizer que ao desprender esforços na busca de um objetivo teremos chance de sermos bem ou mal sucedidos. Desta forma não há erro, mas sucesso ou insucesso.

Diz Nogaró (2004) que devemos transformar o erro em um problema, um diálogo e por fim uma situação de aprendizagem. A escola tem procurado por respostas certas, uniformes para medir o nível de conhecimento e aprendizagem dos alunos, é necessário que as pessoas **envolvidas** com aprendizagem, entendam que o erro, na aprendizagem, é a manifestação de uma conduta não aprendida, que emerge a partir de um padrão de conduta cognitivo, e que serve de ponto de partida para o avanço, na medida em que são identificados e compreendidos positivamente, em direção a aprendizagem do aluno possibilita a sua correção de forma hábil e inteligente.

O "erro" deve ser considerado como uma forma construtiva do saber, como uma fonte de crescimento, e não como uma ferramenta de exclusão. Conforme nos coloca Luckesi (2005), a avaliação deve servir de suporte para qualificação daquilo que acontece com o aluno, diante dos objetivos que se tem, de tal modo que fosse possível verificar como agir para ajuda-lo a alcançar o que procura, A avaliação não deve ser fonte de decisão sobre o castigo, mas de decisão sobre os caminhos do crescimento da aprendizagem.

Cabe a escola, ao professor, como meios diretos da formação de identidades críticas e não conformidades, dar o passo maior em busca de uma educação que valorize as vivências de cada um e que tenha por objetivo primeiro a conscientização do ser humano, enquanto ser social. E da importância que cada um tem na formação de uma sociedade mais justa, menos excludente e mais interessada no ser, não no fazer.

Da avaliação diagnóstica à avaliação da aprendizagem

Segundo Weiss (1997) a avaliação diagnóstica – como processo pedagógico, psicológico e psicopedagógico têm avançado de modo substancial nas últimas décadas. Inicialmente, costumava ser realizada apenas por especialistas da área médica; com as exigências do desenvolvimento científico, houve um redimensionamento gradual no sentido do diagnóstico interdisciplinar a partir da década de 1970. Portanto a tendência atual consiste em adotar o diagnóstico como um processo abrangente, também interligado às investigações sobre aprendizagem. Nesse panorama, questiona-se a qualificação do docente para esse propósito, seja referente ao aluno comum ou ao que apresenta Necessidades Educativas Especiais.

Segundo a Resolução nº 2 de 11 de setembro de 2001, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Brasil, 2001), Art. 6º - Para a identificação das necessidades educacionais especiais dos alunos e a tomada de decisões quanto ao atendimento necessário, à escola deve realizar, com assessoramento técnico, avaliação do aluno no processo de ensino e aprendizagem, contando, para tal, com:

- I - a experiência de seu corpo docente, seus diretores, coordenadores, orientadores e supervisores educacionais;
- II - o setor responsável pela educação especial do respectivo sistema;
- III - a colaboração da família e a cooperação dos serviços de Saúde, Assistência Social, Trabalho, Justiça e Esporte, bem como do Ministério Público, quando necessário. (p.70)

A avaliação deve ser assumida como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno e que ele possa ser trabalhado para avançar em seu processo de aprendizagem, nos termos dos conhecimentos necessários.

Segundo Luckesi (2005), Se determinado conhecimento ou determinada habilidade tem caráter essencial na aprendizagem do aluno, ele deverá adquiri-lo. Nesta perspectiva, a avaliação servirá para a verificação de sua apropriação, ou não, por parte do aluno.

De acordo com Machado (2008), para identificar a realidade em que se encontra inserido o aluno, faz-se necessário utilizar os procedimentos adequados a cada caso, assim como analisar os fatores que determinam o aprender e o não

aprender, no contexto escolar. Por exemplo, o pedagogo pode realizar **entrevistas** com professores, com as famílias com os alunos da escola.

A atual prática da avaliação escolar tem como função classificar o aluno, o julgamento de valor que teria a função de possibilitar uma nova tomada de decisão sobre o objeto avaliado, tem uma função estática somente de classificar o ser humano histórico num padrão definitivamente determinado por regras pré - estabelecidas. Essas classificações são determinadas em números que somadas ou divididas tornam-se médias, não auxiliando em nada o avanço e o crescimento cognitivo.

Com a função da avaliação diagnóstica, ao contrario, ela constitui-se em um momento dialético do processo no desenvolvimento da ação, do crescimento para autonomia, do crescimento para competência.

Avaliação diagnóstica é um processo que permite ao profissional investigar, levantar hipóteses provisórias que serão ou não confirmadas ao longo do processo recorrendo, para isso, a conhecimentos práticos e teóricos. Esta investigação permanece durante todo o trabalho diagnóstico através de intervenções e da "... escuta psicopedagógica...", para que "... se possa decifrar os processos que dão sentido ao observado e norteiam a intervenção". (BOSSA, 2000, p. 24).

Esta avaliação deve ter uma dimensão diagnóstica no sentido de conduzir o processo ensino aprendizagem, adaptando melhor o conteúdo e as formas de ensino com as características individuais de cada aluno avaliado. O processo avaliativo psicoeducacional diagnóstico deverá ocorrer em favor do aluno, aliado a sua aprendizagem e buscar promover o seu desenvolvimento pedagógico e a elevação de sua auto-estima, gerando o desejo do aprender e o seu avanço cognitivo na escola.

Segundo Weiss (1997), esta avaliação psicoeducacional diagnóstica não se limita apenas no contexto escolar deve ser vista como uma expressão global em que está pondp em foco o nível pedagógico, mas estarão juntos o seu funcionamento cognitivo e suas emoções ligadas ao significado dos conteúdos e ações.

A avaliação para a identificação dos problemas de aprendizagem é entendida como imprescindível para tomada de decisões quanto aos recursos e apoios necessários à aprendizagem. É importante que todos os profissionais de educação

tenham a compreensão de que cada aluno é um ser único, singular, original e diferente.

A proposta da avaliação psicoeducacional é de ser contínua de forma a verificar os vários momentos de desenvolvimento do aluno já que a ideia é dar ênfase a comparação do aluno com seu próprio desenvolvimento, ao invés de apenas comparar o seu rendimento, em um dado momento com parâmetros externos a ele.

A avaliação psicoeducacional tenta detectar os problemas do ensino aprendizagem verificando o desenvolvimento cognitivo, sócio afetivo e escolar do aluno, busca participar da dinâmica das relações da comunidade escolar envolvendo, neste procedimento todos que atuam direta ou indiretamente no processo.

A referida avaliação objetiva favorecer processo de interação e trocas, buscando soluções e alternativas para a remoção de barreiras da aprendizagem através de medidas de intervenção pedagógica, permitindo conhecer, descrever, compreender, explicar, prever e formular um juízo de valor acerca da realidade do aluno avaliado.

A avaliação psicoeducacional irá permitir também a tomada de decisões educativas e sociais para prevenir possíveis distorções ou disfuncionalidade que possa apresentar o aluno em um determinado período ou em todo o período de sua escolaridade.

Segundo Vigotsky (1991), na prática educacional da escola, a avaliação não deve apenas ser utilizada como instrumento de classificação e seleção, valorando apenas o momento atual de aprendizagem do aluno.

Proceder à avaliação no contexto escolar significa levar em consideração a prática docente e o aluno como sujeito do processo de ensino e aprendizagem tendo como objetivo propiciar a autonomia deste aluno, que é indissociavelmente social, moral e intelectual.

“A avaliação deve acompanhar a aprendizagem do aluno e diagnosticar as causas que interferem no processo de forma positiva ou negativa e, a partir do diagnóstico, reorientar as ações que compõem o trabalho pedagógico.”
(CRUZ, 1995, p.114).

Concordamos com Cruz (2005) ao afirmar que a avaliação diagnóstica é um juízo de valor que se faz sobre uma determinada realidade, à luz de um referencial, para promover mudanças na realidade analisada.

O diagnóstico pedagógico

Entende-se como diagnóstico psicoeducacional uma avaliação realizada a partir de uma queixa explicitada em relação a alguma dificuldade de aprendizagem. O motivo da avaliação liga-se ao não aprender algo específico, a parar totalmente de aprender, a só conseguir fazê-lo muito lentamente ou com falhas de distorções, ou seja, déficits específicos, parada ou lentidão da aprendizagem. (SCOZ, 1987)

Segundo Weiss (1997) o diagnóstico como processo pedagógico permite conhecer os alunos individualmente, em grupos e em família; as particularidades reais do aprendente, suas necessidades, motivos, capacidades, hábitos, habilidades, conhecimento, auto-estima, potencialidades e diferenças. O diagnóstico pedagógico deve-se inserir numa perspectiva ampla, oferecendo informações sobre o contexto do aluno e sua conseqüente influência para o progresso de seu aprendizado. Dessa maneira, a compreensão global da aprendizagem e seus desvios solicitam uma análise não somente do sujeito, mas da qualidade das relações que ele estabelece com a escola, a família e a sociedade.

No momento do diagnóstico, ele divide-se em dois eixos importantes de análise, que é o momento da entrevista com a família, com a equipe da escola e professores e o momento das testagens diversas e das provas operativas.

A avaliação diagnóstica deve esclarecer os aspectos individuais, mas não pode negligenciar os sociais. Convém assinalar que mesmo diante de limitações particulares, inclusive de natureza genética e/ou biológica, como no caso do deficiente, um melhor desenvolvimento pode ser obtido como resultado de condições favoráveis e estimulações adequadas do meio físico e social (WEISS, 1997 p.96)

A avaliação psicopedagógica do aluno realiza –se por meio de provas pedagógicas desenvolvidas com materiais previamente elaborados, dificuldades crescentes, para posicionar o aluno dentro nível de escolaridade que se encontra.

A obtenção dos dados relacionados não pode ser regida por regras externas pré-fixadas, no processo de avaliação cada aluno representa um caminho próprio que deve ser descoberto e respeitado pelo pedagogo que está realizando a avaliação.

A atuação do pedagogo no processo de avaliação psicoeducacional

O pedagogo dentro da Escola pública do Ensino Fundamental, realiza a avaliação psicoeducacional, através de observações, atividades pedagógicas, análise dos materiais, acompanhamento com a família e realização de testes, buscando sempre valorizar o aluno como indivíduo pensante, buscando desenvolver suas habilidades e seu potencial ao máximo possível.

O pedagogo deve ser o articulador e organizador do fazer pedagógico na escola. Deve garantir uma coerência e uma unidade de concepção entre as áreas do conhecimento respeitando a diversidade de cada aluno levando em consideração o seu ritmo e o seu limite.

Segundo Libâneo:

“Pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivo de formação histórica. Em outras palavras, o pedagogo é um profissional que lida com fatos, estruturas, contextos, situações, referentes à prática educativa em suas várias modalidades e manifestações.”
(LIBÂNEO,1996 p.87)

Sem negligenciar os fatores pontuais e cotidianos da escola, onde toda a comunidade escolar deve estar envolvida, a função do pedagogo não deve ser confundida com o “bombeiro” que apaga incêndio o dia todo, o enfermeiro, o psicólogo ou inspetor. O pedagogo deve ser visto em uma multidimensão: social, política, humana e cultural. É um profissional que pensa no papel da escola historicamente e orienta a prática docente.

“A atuação do pedagogo escolar é imprescindível na ajuda aos professores no aprimoramento do seu desempenho na sala de aula (conteúdos, métodos, técnicas, formas de organização da classe), na análise e compreensão das situações de ensino com base nos conhecimentos teóricos, ou seja, na vinculação entre as áreas do conhecimento pedagógico e o trabalho de sala de aula. (Libâneo,1996 p.95).

O pedagogo deve ser um profissional que compreende a natureza do trabalho coletivo da escola, que vai mediar às relações pedagógicas entre professor, aluno, currículo, metodologia, processo de avaliação e processo de ensino aprendizagem, realizando os encaminhamentos e as intervenções necessários **dos alunos** que apresentem dificuldades de aprendizagem.

Cabe ao pedagogo investigar junto aos professores quais educandos apresentam necessidades de acompanhamento pedagógico.

É fundamental que o pedagogo esteja seguro de como realizar observações em sala de aula, no recreio, na aula de educação física, ou na aula de artes, deve estar atento na verificação do que o aluno faz sozinho, do que faz com outro e se ele consegue dar continuidade a outras tarefas similares, sem apoio assim como saber analisar e interpretar o que **está** posto no material e nas produções escolares do aluno.

Segundo orientação da Secretaria de Estado da Educação do Paraná o pedagogo tem sua função atualmente definida dentro da Escola Pública.

De acordo com algumas das dimensões que figuram o papel do pedagogo diante da avaliação psicoeducacional e diante da organização da prática pedagógica, são considerados:

- Organizar registros de acompanhamento da vida escolar do aluno e da prática pedagógica dos profissionais do estabelecimento de ensino;
- Solicitar autorização dos pais ou responsáveis para realização da Avaliação Educacional do Contexto Escolar, a fim de identificar possíveis necessidades educacionais especiais;
- Coordenar e acompanhar o processo de Avaliação Educacional no Contexto Escolar, para os alunos com dificuldades acentuadas de aprendizagem, visando encaminhamento aos serviços e apoios especializados da Educação Especial, se necessário;
- Acompanhar os aspectos de sociabilização e aprendizagem dos alunos, realizando contato com a família com o intuito de promover ações para o seu desenvolvimento integral;
- Acompanhar a frequência escolar dos alunos, contatando as famílias e encaminhando-os aos Órgãos competentes, quando necessário;

- Acionar serviços de proteção à criança e ao adolescente, sempre que houver necessidade de encaminhamentos;
- Orientar e acompanhar o desenvolvimento escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais, nos aspectos pedagógicos, adaptações físicas e curriculares e no processo de inclusão na escola;
- Manter contato com os professores dos serviços e apoios especializados de alunos com necessidades educacionais especiais, para intercâmbio de informações e trocas de experiências, visando à articulação do trabalho pedagógico entre Educação Especial e ensino regular;

Para tanto, cabe ao Pedagogo viabilizar articulações no processo ensino-aprendizagem organizando grupos no interior da escola para que os professores, e equipe multidisciplinar possa estudar discutir e avaliar a qualidade dos conteúdos trabalhados, bem como o material didático, procedimentos de ensino, avaliação e programas, ou seja, tudo o que faz parte do trabalho pedagógico na sua totalidade, buscando alcançar os objetivos almejados na avaliação psicoeducacional.

O pedagogo é um profissional qualificado com formação específica que tem a liberdade de trabalhar com recursos, metodologias e técnicas distintas, procurando sempre atender a necessidade de cada aluno, levando em consideração suas diferenças, dificuldades e facilidades. Este profissional, diante do uso de recursos das várias áreas do conhecimento humano busca compreender e intervir no ato de ensinar e aprender.

Avaliação do contexto Escolar

Um aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem deve ser acompanhado e observado pelo pedagogo com intuito de levantar informações que contribuam para analisar os possíveis indicadores para a avaliação psicopedagógica. Tal procedimento acontece por meio da utilização de procedimentos adequados que contribuam para o entendimento de onde estão as necessidades e problemas deste aluno.

Para construir estes indicadores a atuação do pedagogo deverá ser planejada em diferentes momentos que garantam uma atuação mais eficaz em termos do levantamento e análise dos dados angariados e ainda, que tenha sentido e

direcionamento, conforme orientação elaborada pela SEED (2008) seja realizada em dois momentos:

1º Momento

- Iniciar a avaliação através de observação do aluno nos diferentes espaços da escola: na sala de aula, na educação física, educação artística, no intervalo.
- Fazer análise do material escolar do aluno da série que **está** cursando.
- Colher informações do aluno com os professores da classe que frequenta (ficha de referência a ser preenchida pelos profissionais da escola).
- Realizar entrevista com os pais e/ou responsáveis pelo aluno.
- Sondar atendimentos, laudos e/ou pareceres médicos encontrados na pasta do aluno ou na entrevista com a família.

2º Momento:

Conteúdos acadêmicos

(Observar além dos conteúdos o funcionamento cognitivo e as emoções)

- Análise do material escolar, investigações do nível em que o educando encontra-se no momento atual X a etapa ou série que está cursando X a metodologia utilizada pelo professor X a visão da problemática atual.
- Análise das informações contidas na ficha de referencia preenchida pela professora da sala.
- Análise das informações contidas na anamnese.
- Análise dos resultados dos exames médicos realizados.
- Observar e analisar a leitura, a escrita e o conhecimento matemático do aluno a ser avaliado.

As maiorias das queixas escolares estão focadas na leitura, escrita e matemática, em diferentes graus e série. Para realização da avaliação psicopedagógica é necessário distinguir a problemática existente em torno do período em que se dá basicamente no processo de alfabetização.

Para realização do processo da avaliação psicopedagógica podemos considerar como pontos importantes:

Alfabetização

A alfabetização vem se tornando, nos últimos anos, uma preocupação por parte dos educadores devido ao fracasso de muitas crianças na sua relação com a leitura e a escrita.

Referindo-se a alfabetização **Teberosky** (1986) afirma:

A lecto-escrita tem ocupado lugar de destaque na preocupação dos educadores. Porém, apesar da variedade de métodos ensaiados para se ensinar a ler, existe um grande número de crianças que não aprende a ler. (TEBEROSKY, 1986, P 12)

Isso nos leva a pensar que, a maioria das pessoas alfabetizadas não se torna leitores. A alfabetização não é mais vista como uma transmissão de um conhecimento pronto, que para recebê-lo, a criança teria que ter desenvolvido habilidades e possuir pré-requisitos para a alfabetização.

Um diagnóstico levado em consideração a possibilidade de o aluno entender o significado do que lê ou escreve, usando a língua como um transmissor de informações, dependendo da maneira de como for colocada ela pode ser geradora de grandes dificuldades na leitura e escrita nessa etapa do seu desenvolvimento.

Segundo Weiss (1997) a avaliação psicoeducacional deve usar situações em que o ler e o escrever tenham significado para o aluno. Por exemplo, em jogos, desenhos, pintura, palavras cruzadas, construções diversas, dramatizações e livros de história. É fundamental observar o modo como o aluno se aproxima ou evita essas atividades, sua postura, as tensões, as dissociações de campo que ocorrem o abandono da tarefa e a temática do material escolhido para ler ou escrever.

Leitura

Para avaliar o desempenho da leitura é necessário o uso de material com significado para o aluno conforme sua idade e a escolaridade em que está inserido.

Os textos devem ser lidos por completo, e não em partes fragmentadas, para não perder o seu significado. Ao final da leitura, verifica-se se ele entendeu o sentido global do texto se é capaz de sintetizá-lo.

É necessário avaliar diferentes tipos de leitura, como por exemplo, a leitura recreativa (história), leitura informativa (regra do jogo) e enunciados do problema, entre outros.

Na leitura em voz alta observar a entonação, fluência, ritmo, pontuação, omissão, deslocamento de letras, sílabas, palavras e frases. Verificar também neste momento se há necessidade ou não de uma avaliação fonoaudiológica quando for percebido algo irregular.

Escrita

A avaliação da escrita é um ponto importante na análise do nível pedagógico do aluno. Avalia-se o texto, não com os detalhes de uma prova de português, mas sim nos seus aspectos mais globais que auxiliam na compreensão da queixa formulada inicialmente.

Analisa-se a noção de realidade e fantasia, a coerência interna do significado, a fluência e a criatividade, a temática e a estrutura do texto em relação com outros dados obtidos no diagnóstico realizado anteriormente. Como por exemplo, se a idéia de perda, medo, fracasso, sucesso, vitória e luta que podem aparecer no grafismo, nas histórias, no trecho escolhido para a leitura e na conversa com o pedagogo.

Matemática

Segundo Weiss (1997) quando a queixa é de dificuldade geral na aprendizagem, ou específica na matemática, há necessidade de se avaliar com

mais detalhes essa área específica. Alguns aspectos se destacam: o raciocínio matemático, o cálculo, a leitura de problemas e questões.

Verifica-se o raciocínio matemático, colocando-se desafios mais lúdicos e problemas mais formalizados, ou de situações reais, e construídos a partir de propagandas recortes de jornais e revistas. Para excluir-se a qualidade da leitura como variável interveniente, deve se formular algumas questões oralmente.

A avaliação do cálculo é feita em dois níveis: o cálculo mental e a execução de cálculos escritos.

Outros recursos para realização da intervenção Psicopedagógica

Rubinstein (1996) destaca que na avaliação psicopedagógica pode se usar como recursos a entrevista com a família; investigar o motivo da queixa; realizar a história de vida da criança realizando anamnese; entrevistar o aluno; fazer contato com outros profissionais que atendam a aluno; manter os pais informados do estado da criança e da intervenção que está sendo realizada; realizar encaminhamento para outros profissionais, quando necessário.

Os recursos apontados por Rubinstein (1996) constituem-se em instrumentos para a realização do diagnóstico e intervenção psicopedagógica. Porém, Bossa (1994), destaca outros recursos para o diagnóstico psicopedagógico, referindo-se a Provas de Inteligência (Wisc); Testes Projetivos; Avaliação perceptomotora (Teste Bender); Teste de Apercepção Infantil (CAT.); Teste de Apercepção Temática (TAT.); também, refere-se a Provas de nível de pensamento (Piaget); Avaliação do nível pedagógico (nível de escolaridade); Desenho da família; Desenho da figura Humana; H.T.P - Casa, Arvore e Pessoa (House, Tree, Person); Testes psicomotores: Lateralidade; Estruturas rítmicas. Cabe ressaltar, no entanto, que nem todos os instrumentos formais de avaliação descritos aqui podem ser utilizados pelo pedagogo, por tratarem-se de técnicas e instrumentos de uso do psicólogo.

A referida autora, assim como Fernández (1991) e Paín (1985) sugerem, ainda, o uso de jogos considerando que o sujeito através deles pode manifestar, sem mecanismos de defesa, os desejos contidos em seu inconsciente. Além do mais, no enfoque psicopedagógico os jogos representam situações-problemas a serem resolvidas, pois envolvem regras, apresentam desafios e possibilita observar

como o aluno age frente a eles, qual sua estrutura de pensamento, como reage diante de dificuldades. Levando-se em conta que este aluno possui poucos recursos (vocabulário, por exemplo) para se comunicar, expressar o que sente o que deseja por meio dos jogos e brincadeiras. Sendo assim, cabe ao psicopedagogo estar atento para fazer a leitura e análise das mensagens que está sendo enviando.

No que diz respeito ao uso de testes, Bossa (1994), não apresenta restrições quanto à utilização dos respectivos instrumentos para o diagnóstico psicopedagógico. Alguns são testes de uso exclusivo de psicólogos, como as Provas de Inteligência (Wisc), Testes Projetivos, Avaliação perceptomotora (Teste Bender), Teste de Apercepção Infantil (CAT.), Teste de Apercepção Temática (TAT.). Porém, de acordo com as recomendações dos autores dos testes, como no CAT Infantil, no manual, afirma-se que o mesmo poderá ser utilizado por psiquiatras, psicanalistas, psicólogos, assistentes sociais e professores.

Considerando que há um grande receio por parte dos psicólogos e Conselho Federal de Psicologia (CFP), que profissionais não formados em psicologia façam uso de testes ditos específicos da psicologia, principalmente, os que medem o nível de inteligência e testes projetivos, a leitura atenta às indicações dos autores quanto ao uso dos mesmos pode evitar posturas anti-éticas no que se refere a relações com outros profissionais, em especial com os da área da psicologia.

Para evitar tal fato, o pedagogo pode ser criativo e desenvolver atividades que possibilitem observar os aspectos da inteligência e da projeção e, se o profissional achar que os testes psicológicos são importantíssimos para concluir um diagnóstico, pode encaminhar o aluno para uma avaliação psicológica, efetivando um trabalho multidisciplinar.

Medidas de Intervenção

Este tópico diz respeito às ações a serem desenvolvidas pelo pedagogo, diante do trabalho realizado durante a avaliação psicoeducacional.

Neste momento o pedagogo vai estabelecer as diretrizes para a ação do professor em relação ao trabalho pedagógico a ser desenvolvido com este aluno, após a avaliação. Todas as dificuldades levantadas no processo avaliativo deverão conter sugestões/orientações de trabalho/atividades a serem desenvolvidas pelo

professor. Tais orientações deverão estar dentro das possibilidades de realização do trabalho do professor, da escola e da família.

A intervenção na avaliação psicoeducacional deverá enfatizar os aspectos pedagógicos relativos à aquisição da língua oral e escrita, interpretação, produção, cálculos, sistema de numeração, entre outros, acrescido de parecer psicopedagógico e complementado com pareceres de outros especialistas que se fizerem necessários.

Cabe também ao pedagogo neste momento, encaminhar este aluno a outros especialistas (clínicos: médico, psicólogo, fonoaudiólogo; fisioterapeuta) ou espaços de aprendizagem como Sala de Recursos, Classe Especial ou Classe de Apoio, conforme necessário após o término da avaliação.

Considerações finais

A avaliação psicoeducacional conforme foi apresentado ao longo desse artigo é um processo abrangente que implica uma análise sobre as dificuldades de aprendizagem apresentadas por alunos, a fim de possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos que impedem esta aprendizagem.

A avaliação frequentemente atribui um valor negativo ao que não pode compreender e nomear. As manifestações de conhecimentos, desenvolvimento, capacidades, habilidades, valores que diferenciam do padrão dito normal, o “diferente”, frequentemente são interpretados por não aprendizagem e como fracasso escolar. Os educandos que não demonstram as habilidades e capacidades pretendidas pelo professor não revelam saber o que foi ensinado e se distanciam do padrão de desenvolvimento considerado normal.

Um olhar que reconheça o diferente e que não interprete como falta, impossibilidade, negação, pode identificar os problemas e transformá-lo em pólos positivos os problematizado e buscando soluções e intervenções que levem a aprendizagem.

Quando se compreende o que se passa com o indivíduo que esteja apresentando alguns problemas de aprendizagem, é possível identificar situações que estejam dificultando o seu desenvolvimento. Daí à importância de se procurar conhecer o que realmente ocorre no cotidiano escolar para que seja elaborada

proposta de trabalho buscando amenizar e/ou solucionar os problemas encontrados na escola.

Com da avaliação psicoeducacional o pedagogo poderá desenvolver um trabalho de maneira eficiente e eficaz, podendo contribuir para melhorar a qualidade de ensino, enfocando um trabalho no sentido de intervir nos problemas de aprendizagem anteriormente apresentados em sala de aula.

Por fim, pode se perceber que os problemas de aprendizagem consistem em uma situação real, presente nas instituições escolares, e a avaliação psicoeducacional precisa ser planejada e realizada de forma integrada à necessidade de cada um.

O pedagogo deve acompanhar o processo de avaliação psicoeducacional de forma contínua e progressiva, ajudando o aluno em suas eventuais dificuldades, intervindo quando necessário, para que ele possa avançar no processo de desenvolvimento cognitivo.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, S. F. C. **O lugar da afetividade e o desejo na relação ensinar-aprender**; In: Revista Temas em Psicologia. Ribeira Preto – SP: Sociedade Brasileira de psicologia, 1993, n.1.

BOSSA, Nadia Ap. **A Psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COSTA, Terezinha de Jesus de Paula. **Recursos a serem usados no diagnostico e intervenção psicopedagógica**. 2008.

CRUZ, Carlos Henrique. **Conselho de Classe, espaço de diagnostico na prática educativa escolar**. São Paulo, Layola, 2005.

DALBEN, Ângela I. L. de Freitas. **Conselhos de Classe e Avaliação: perspectivas na gestão pedagógica da escola**. Campinas : Papyrus, 2004.

FERNÁNDEZ, Alícia. **O Saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre: Artmed,2001.

Inteligência Aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

GRINSPUN, M. **Orientação Educacional: conflitos de paradigmas e alternativas para escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia, Ciência da Educação?** Selma G. Pimenta (org.). São Paulo; Cortez, 1996, p. 127.

LIMA, Elvira. **Avaliação da escola.** São Paulo: Sobradinho 107,

LINHARES, Maria Beatriz M. **Avaliação Assistida. Psicologia: Teorias e Pesquisa, Brasília, 11 (1): 23-31, 1995.**

LUKESI, Capriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 17^aed. São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, Jarci Maria. **Avaliação no contexto escolar.** Departamento de Educação Especial e Inclusão Educacional. SEED/DEEIN

NOGARO, Arnaldo. **O erro no processo de ensino aprendizagem;** In: revista de ciências humanas do URI, ano V, 2004, n^o05.

PARANÁ, SEED, CADEP, Material utilizado no Simpósio Estadual de Pedagogos, 2004.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.

PIAGET, Jean. **A equilibrção das estruturas cognitivas: problema central ao desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Zahar.1976.

RUBINSTEIN, E.. **A Intervenção Psicopedagógica Clínica,** in SCOZ at alii, **Psicopedagogia: Contextualização, Formação e Atuação Profissional,** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SANTOS, Jussara Tavares Puglieli. **Pedagogia: a travessia do homem ao humano.** Versão preliminar, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Sentido da pedagogia e papel do pedagogo.** In: Revista da ANDE, São Paulo, n. 9, p. 27-28, 1985.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** 2^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1998.

_____, Beatriz. **Psicopedagógica o caráter interdisciplinar na formação e edificação profissional.** Porto Alegre, Artes Médicas. 1990.

SEED/NRE CURITIBA, CGE/NRE. Material de apoio conceitual, 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos, **Avaliação, Concepção dialético-libertadora no processo de avaliação escolar.** São Paulo: Libertad, 2005.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____, **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes., 1991.

WEISS, M. L. **Reflexões sobre o diagnóstico Psicopedagógico**. In: BOSSA, N.A. Psicopedagogia no Brasil. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____, Maria Lúcia. **Psicopedagógica clínica: uma visão diagnostica dos problemas de aprendizagem Escolar**. Rio de Janeiro: 4^aed DPGA, 1997.

_____ Maria Lúcia. **Considerações sobre a instrumentação do psicopedagogo no diagnóstico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.